

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM BRUNO LATOUR¹

“GRADIENTS OF RESISTANCE”, “MODES OF EXISTENCE” AN PARASCIENCES IN BRUNO LATOUR

Rafael Antunes Almeida²

RESUMO

Este trabalho consiste em uma leitura das noções de “gradientes de resistência” e “modos de existência” com vistas a apreciar a possibilidade de uma antropologia das paraciências nos quadros da Teoria do Ator Rede. Depois de discutir brevemente os últimos conceitos, sugere-se a centralidade da categoria do “segredo” para pensar o modo como as redes das paraciências se expandem.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia das paraciências; Antropologia do segredo; Modos de existência; Gradientes de resistência; Antropologia da ciência

ABSTRACT

This paper presents a particular reading of the notions of “gradients of resistance” and “modes of existence” in order to evaluate the possibility of an anthropology of the parasciences inspired by the Actor Network Theory. After discussing the aforementioned concepts, the paper suggests the centrality of the notion of “secrecy” to think the modes of expansion of the parasciences networks.

¹ O presente texto, produzido especialmente para o dossiê sobre a ANT da *Revista Inter-Legere*, deve ser lido como uma brevíssima nota na qual se faz uma leitura das noções de “gradientes de resistência” e “modos de existência”, com o objetivo de aportar uma possibilidade de interpretação das paraciências. Algumas conclusões anotadas no final do artigo ganharam desenvolvimento ampliado em trabalho anterior (ALMEIDA, 2015), para o qual remeto o leitor.

²Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília.

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

KEYWORDS

Anthropology of the parasciences; Anthropology of secrecy; Modes of existence; Gradients of resistance; Anthropology of Science

OS “TESTES³ DE FORÇA” E OS “GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”

No livro *PrinceofNetworks: Latour and Methaphysics*, Graham Harman (2009) começa a apresentação da filosofia de Bruno Latour por meio de uma obra relativamente desconhecida. Trata-se de *Irreduções*, um pequeno livro que acompanha o trabalho *The Pasteurization of France* (LATOUR, 1993), mas que constitui uma peça independente em relação ao primeiro.

Harman observa que naquele livro descobrem-se quatro dos princípios que comporiam a “metafísica” latouriana, quais sejam: o caráter englobante da noção de actantes: “[a]ll entities are on exactly the same ontological footing” (HARMAN, 2009, p. 14); a noção de irredução; a ideia de translação; ea centralidade do conceito de alianças (HARMAN,2009).

A divisão do comentador em quatro argumentos principais parece fazer justiça ao conteúdo dos aforismos que conformam a obra. Contudo, há outros elementos que aparecem naquele opúsculo que, mesmo não merecendo o nome de princípios ou pedras basilares, figuram como contínuos na obra do autor. Entre eles importa notar a presença dos conceitos de “testes de força” (LATOUR,1993, p. 158) ou simplesmente *teste*⁴, como Latour (1993, p. 158) coloca depois: “Whatever resists trials is real”, e de “gradientes de resistência”: “The real is not one thing among others but rather gradients of resistance” (LATOUR, 1993, p. 159).

³ Tradução de “trials of strength”. Apesar da possibilidade de tradução da expressão como “processos de força” ou “provas de força”, optei por “testes de força”.

⁴ A centralidade do conceito de *teste* no trabalho de Latour é testemunhada por Kyle McGee na obra *Bruno Latour: the normativity of the network* (MCGEE, 2014), observando que “we must insist that the trial forms the heart of Latour’s approach to technoscience” (MCGEE, 2014, p. 7).

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

Cumprer lembrar que a noção de “teste” na economia conceitual do autor excede o significado de “teste científico”, como se pode depreender das passagens mencionadas, e não há qualquer sentido cientificista na afirmação. Isto é, ainda que o ponto seja bastante óbvio, vale esclarecer que Latour não se refere a *um teste de uma proposição* a partir de uma situação experimental X ou Y. Desta feita, a alegada resistência não precisa ser a resistência de uma teoria, especialmente porque em Bruno Latour uma teoria nunca é apenas um conjunto de proposições.

Já no que concerne ao tema da realidade, ao acompanhar as diferentes obras de Latour, descobrimos que a consistência de um actante é sobretudo uma questão de grau e não um jogo de soma zero. Há, desse modo, movimentos que concorrem para ajudá-lo a persistir e outros que terminam reduzindo os seus *gradientes de resistência*. Levi Bryant esclarece esse ponto em um pequeno texto dirigido à noção de “testes de força”. Depois de nos oferecer um caso relativo à construção de uma ponte quando era criança, visando ilustrar a noção de resistência, o autor comenta:

I have chosen the example of a nonhuman actor to illustrate the concepts of gradients of resistance, force, and trials of strength is a question of construction and how things hang together, not a question of might makes right, or popularity makes true. Trials of strength are questions of work, structure, and endurance. It is a question of how things are built. This is not construction in the sense of “social construction”, but quite literally is genuine construction, genuine building, genuine relations among forces (BRYANT, 2009)⁵.

O que se depreende disso é que a filosofia de Bruno Latour não mobilia o mundo com entidades admissíveis e não admissíveis, fazendo uma distinção entre o que pertence ao campo das materialidades e o que estaria acomodado em um suposto domínio do simbólico. Essa distinção, cumpre repetir, em nenhum dos seus trabalhos é encorajada pelo autor. Ao contrário, notamos que desde que passem pelos testes de força, por princípio, uma teoria psicológica, uma entidade laboratorial e uma visão de

⁵ BRYANT, Levi. *Trials of strength*. 2009. Disponível em: <<https://larvalsubjects.wordpress.com/2009/10/07/trials-of-strength/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

uma entidade religiosa ganham em realidade e podem se converter em arranjos relativamente estáveis.

Como se vê, o conceito de *testes de forçanos* auxilia a compreender que em Latour a realidade não pode ser verificada – “no force can, as its often put, ‘know reality’” (LATOOUR,1993, p. 159) –ou conhecida.Daí resulta a censura de certo modo constante – e de alguma forma bastante incômoda, pela generalidade –da epistemologia como domínio do saber, sem a necessidade de particularizar uma ou outra corrente.

There is no difference between the “real” and the “unreal”, the “real” and the “possible”, the “real”and the “imaginary”. Rather, there are all the differences experienced between those that resist for long and those that do not, those that resist courageously and those that do not [...](LATOOUR,1993, p. 159).

Portanto, em Latour, estamos autorizados a dizer que actantes ganham mais realidade à medida que ganham força e, assim, possuem maior gradiente de resistência, isto é, quanto maior a força – medida pelo número de alianças heterogêneas – mais difícil será de desfazer uma rede. A referência às alianças como fiadoras da resistência de um actante remete a uma metáfora política, ao modo do que fez Bruno Latour em *Jamais Fomos Modernos*, mas, como observa Harman (2009, p. 25), “this is not a reduction of reality to power plays”. Isto é, quanto maior o número de aliados (HARMAN,2009) – não há aqui julgamento sobre a qualidade – mais difícil é de tornar pó um conjunto de associações. Assim, quando Latour (1993, p. 166) comenta em *Irreduções* que “The principle of reality is other people”,ele não está fazendo um pleito pela ideia de construção social, como já notou Levy Briant. Ao contrário, está atacando frontalmente a ideia de um referente: “There is no external referent. Referents are always internal to the forces that use them as touchstones” (LATOOUR, 1993, p. 166).

Um das consequências que se pode depreender dessas definições que, a bem dizer, revisitam lugares comuns na obra do autor é que se mostra possível empreender uma pesquisa, *ainda bem acomodada no programa previsto por Latour*, que percorra

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

redes nas quais o que está em jogo são multiplicidades que normalmente são registradas nos dialetos do que regularmente é compreendido como pertencendo ao domínio da crença. Aqui eu me refiro a uma variedade de situações, entre elas, as paraciências.

No artigo intitulado a “A recusa das paraciências” (ALMEIDA, 2015b), seguindo o texto de Guilherme Sá (2015), aponte para essa possibilidade, ao mesmo tempo que inventariei em uma série de trabalhos publicados em períodos diferentes de sua trajetória intelectual a relação ambivalente que Latour mantém com temas que transbordam o domínio tradicionalmente reconhecido como científico. Digo “ambivalente” porque a atenção à noção de “testes de força” e especialmente ao conceito de “gradientes de resistência” é coerente com o que o autor propõe para o domínio da antropologia da ciência.

Não fossem as censuras que ele recorrentemente faz ao estudo das paraciências— que gravitam em torno da suposição de centralidade de certos campos (SÁ, 2015)—, talvez teríamos visto o florescimento de uma série de investigações sobre esses domínios.

AS CONSEQUÊNCIAS DO ÚLTIMO MOVIMENTO: O MODELO AGONÍSTICO

As duas noções apresentadas não têm abrigo exclusivo em *Irreduções* e aparecem como contínuas em outros trabalhos. A título de exemplo, é possível encontrá-las operando também em *Ciência em Ação* (LATOUR, 1987), em solo distante dos aforismos. Nesse livro, contudo, a ideia de resistência ganha uma formulação ligeiramente diferente. Latour sugere que para resistir aos testes é necessário pagar um alto preço. A resistência, nos seus termos, tem um custo:

This cost is not to be evaluated in terms of money, but also by the number of people to be enrolled, by the size of the laboratories and of the instruments, by the number of institutions gathering the data, by the time spent to go from the “seminal ideas” to workable products, and by

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

the complication of mechanisms piling back boxes onto one another
(LATOUR, 1987, p. 179).

O preço é relativo à manutenção da rede e à conciliação de interesses muito diferentes, contudo, como autor observa constantemente, a duração da redenção depende do silenciamento dos seus compósitos. A sua permanência – a passagem pelos testes de resistência – é diretamente proporcional à sua capacidade de se alterar.

Ainda em *Ciência em Ação*, Latour (1987) é levado a fazer uma pergunta que se conecta à sua definição anterior de realidade. Ao opor o conhecimento sobre a meteorologia dos cientistas do clima ao dos cidadãos não cientistas, Latour observa que a extensão da rede dos cientistas – dependente, portanto, de sua passagem pelos testes de força – termina antagonizando o conhecimento que emana de fora da rede, qualificando-o como crença.

The question to raise, in the eyes of the scientists, is not the one I started with: how can so few meteorologists extend their networks to control the definition of what the weather is, in spite of the multitude of contradictory definitions? The question to raise now is this one: how is it that there are still people who believe all sorts of absurdities about the weather and its evolution when it is so easy to learn from us what the weather really is? (LATOUR, 1987, p.182).

Nas páginas seguintes, o autor prossegue qualificando o argumento anterior. De acordo com ele, a mobilização da noção de crença e a acusação de irracionalidade pelos cientistas resultam do seu posicionamento interno à rede.

There would be no special factor to discover for why people believe irrational things, if *this irrationality was simply a consequence of looking from the inside of the network to its outside-after having bracketed out all the resources necessary for this network to exist, to extend and to be maintained*. There is no use in having a discipline like the sociology of knowledge, that tries to account for non-scientific beliefs, if all questions of irrationality are merely artifacts produced by the place from which they are raised. One way to avoid asymmetry is to consider that *'an irrational belief' or 'irrational behavior' is always the result of an accusation. Instead of rushing to find bizarre explanations for still more bizarre*

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

beliefs, we are simply going to ask who are the accusers, what are their proofs, who are their witnesses, how is the jury chosen, what sort of evidence is legitimate, and so on, setting up the complete frame of the tribunal in which the accusation of irrationality takes place. Instead of putting the cart before the horse and condemning someone without due trial, we are going to follow the trial for irrationality(LATOUR, 1987, p.185, grifos nossos).

Nos trechos grifados, entrevemos que Latour aponta para um tipo de programa de pesquisa. As acusações de irracionalidade, comenta ele, devem ser entendidas em sentido quase geográfico, isto é, dizem respeito ao fato de aqueles que enunciam habitarem fora ou dentro da rede. Nesse ponto, essas acusações interessam-lhe na medida em que nos instruem nas diferentes resistências não de teorias, mas de actantes ou conjuntos de actantes no “julgamento da irracionalidade” (LATOUR, 1987, p. 185). O autor expõe: “We have now shifted from debates about reason to disputes about what the world of different people is made of; how they can achieve their goals; what stands in their way; which resources may be brought in to clear their way” (LATOUR, 1987, p. 198).

Como observamos no primeiro tópico, as noções de *testes de resistência* e *gradientes de força* nos conduzem a pensar que Latour não avalizaria qualquer juízo relativo ao tipo de rede que resiste ou não aos testes. Tudo se passaria como se a permanência de um agenciamento fosse uma questão de força. No caso estudado, meteorologistas ganham prevalência sobre os assuntos do clima porque suas redes são mais difíceis de destruir.

O problema desse modelo é que determinadas redes gozam de força apenas na medida em que conseguem produzir a obliteração de outras. Tudo se passaria como se as redes dos meteorologistas somente pudessem subsistir antagonizando as dos não cientistas.

Talvez uma aproximação mais interessante possa ser encontrada no modelo proposto por Pierre Lagrange, quando, em um comentário acerca da obra de Élisabeth Claverie, sugeriu acoplar a ideia de regime de verdade (“regime de vérité”) (LAGRANGE, 2012, p. 100) à antropologia simétrica:

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

É. Claverie consacre des dizaines de pages à détailler le régime de vérité mis en place par la théologie et comment la Gospa (la Vierge) parvient à s'en accommoder. Ces pages sont indispensables, mais il manque pour beaucoup de lecteurs au moins deux niveaux d'analyse dans ce travail. Un niveau qui établit la symétrie entre le régime de vérité du scientifique et celui du théologien et un niveau qui établit la symétrie entre le discours scientifique et celui des pèlerins et de leurs preuves. En effet, la plupart du temps, lorsque nous évoquons la réalité des apparitions de la Vierge, c'est en pensant à la preuve scientifique (une preuve scientifique certes un peu confuse, où se télescopent des régimes de preuve différents, le régime de la preuve juridique, lié à la validité des témoignages, celui des « rationalistes » qui interviennent dans ces débats comme porte-parole de la Raison scientifique) (LAGRANGE, 2012, p. 100).

No próximo tópico, apresento a recente reformulação da Teoria Ator-Rede à luz da noção de valores, para, em seguida, sugerir que esse projeto talvez acolha melhor uma pesquisa voltada para o tema das paraciências.

O CONCEITO DE MODO DE EXISTÊNCIA E OS DIFERENTES MODOS DE EXPANSÃO DAS REDES

Ao reintroduzir a noção de valores (LATOUR, 2013) no seu penúltimo grande projeto, Bruno Latour também reintroduz a descontinuidade em seu próprio modelo. Aooperar com o conceito de *modos de existência*, Latour provincializa a virtualidade da rede. Doma-a, dá a ela um abrigo favorável na noção de valores internos a determinados domínios.

Although our anthropologist is rather proud of her discovery, her enthusiasm is tempered a bit by the fact that, while following the threads of the networks, she notices that she has lost in specificity what she has gained in freedom of movement. It is quite true that, thanks to the networks defined in this way, she really can wander around everywhere, using whatever vehicle she chooses, without regard to the domain boundaries that her informants want to impose on her in theory but which they cross in practice just as casually as she does (LATOUR, 2013, p. 35).

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

O autor argumenta que quando se trata de domínios diferentes, como a ciência e a lei, por exemplo, “there are no borders between domains, and yet, [...] there are real differences between domains” (LATOUR, 2013, p. 35). Nessa perspectiva, um antropólogo que segue uma rede necessariamente transita pela política, pela ciência, pelo sistema jurídico, porque as alianças que conformam um actante têm matéria heterógena. Por outro lado, Latour passa a reconhecer algo similar ao que já observara Lagrange, isto é, que esses domínios teriam “aspectos” próprios.

Latour comenta que não se trata aqui de abandonar a noção de rede. Ela ainda é mantida, contudo, de acordo com o autor, associa-se a um traço determinante do *modo de existência*, que é aquilo que dá a ele uma *diferença*, uma “condição de felicidade” ou “infelicidade” (LATOUR, 2013, p. 18).

Essa diferença, cumpre observar, é entendida por Latour (2013, p. 39) como um “fluido” que circula dentro daquelas redes. Tal “fluido”, por seu turno, é um valor ou um conjunto de valores que, conforme o autor, não se mantém fixo. A esse respeito, comenta:

But for the case of the anthropology of the Moderns, we are going to have two types of variations to take into account: values on the one hand and the fluctuation of those values over time on the other. This history is all the more complex in that it will vary according to the type of values, and, to complicate things further, the history of each value will interfere with the fluctuations of all the others, somewhat the way prices do on the Stock Exchange. What the anthropologist discovers with some anxiety is that the deployment of one value by a robust institution will modify the way all the others are going to be understood and expressed (LATOUR, 2013, p. 45).

A introdução do conceito de modos de existência visa contemplar aquilo que Latour chama de “distintos modos de expansão das redes” (LATOUR, 2013, p. 48). Ademais, segundo o autor, ao introduzir a noção de modos de existência, não há a intenção de fazer pleito por certo tipo de relativismo, mesmo que em alguns trechos sejam usados termos que se aproximam de uma linguagem relativista. Em passagens

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

como a que citarei em seguida, Latour se desfaz dessa imagem apelando para a noção de “modo de verificação”: “It turns out in fact that each mode defines, most often with astonishing precision, a mode of Veridiction that has nothing to do with the epistemological definition of truth and falsity” (LATOUR, 2013, p. 54).

A despeito dessas ponderações, neste livro Latour (2013) parece ter percebido que a noção de rede, tal qual o emprego da ideia de *linhas* por Tim Ingold (2007), apesar de ter um valor heurístico expressivo, deve ser colocada em “parênteses”. No caso da primeira, foi necessário remendá-la com certo situacionismo, isto é, com uma emenda que desse conta das particularidades de cada um dos grandes campos da vida dos modernos que o autor elege como importantes, os quais, coincidentemente, são os mesmos campos ou domínios de onde partiram as suas obras etnográficas.

Nas linhas seguintes, sugerirei que a noção de modos de existência é interessante para pensar as chamadas paraciências. A partir do trabalho etnográfico realizado junto aos ufólogos brasileiros (ALMEIDA, 2015), observarei que o *segredo* é aquilo que circula em suas redes, mas o farei não supondo um tipo particular de expansão, como quis Latour. Nas paraciências, o fluido que circula é o segredo, mas o segredo é um tipo de fluido diferente das provas – fluido próprio às ciências – e dos meios – fluido do sistema jurídico (LATOUR, 2013). Entendo que nas paraciências há um tipo de fluido que permite que elas se expandam na mesma medida em que se voltam novamente para si.

AS PARACIÊNCIAS

Baseando-me em Bruno Latour, particularmente na reforma que o autor propõe a seu próprio conjunto de pressupostos, desejo aqui estabelecer uma breve discussão com as paraciências, tomando a ideia de valores como referência.

Um conjunto de autores tem chamado a atenção para o fato de que aquilo que distingue as paraciências é um jogo de recusa e empréstimo de pressupostos e de práticas da Ciência (CHEVALIER, 1986). Tomarei como exemplo esta passagem de

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

Gérard Chevalier (1986, p. 218), que foi o primeiro a diagnosticar os elementos anotados acima⁶.

Les parasciences ne réalisent pas seulement l'intégration de bribes de savoir scientifique ou l'imitation des formes homologuées de son exercice. Elles se constituent en tant que fait social par et dans une relation spécifique au savoir institutionnellement garanti. Synthèses ambiguës d'une vision du monde et d'un rapport au savoir, ces « croyances » ne peuvent être envisagées indépendamment des formes sociales qui leur confèrent une originalité historique. La croyance en la science comme critère universel du vrai apparaît au moins aussi agissante, dans leur développement ou leur régression, que les croyances mythiques. Faire la sociologie des parasciences revient pour une part à analyser le fonctionnement social des sciences. Toutefois la science officielle n'est pas simplement imitée. Elle est également mise en question.

De fato, em meu trabalho etnográfico (ALMEIDA,2015), também sustentei um argumento similar para certas falas de pesquisadores ufológicos, com os quais trabalhei para a produção da pesquisa. Contudo, ponderei que as paraciências e, em particular, a ufologia – que era o meu ponto de partida etnográfico –tinham um conjunto de elementos que as distinguiam. Se do ponto de vista das comparações que os ufólogos faziam a ciência era sim um contraponto constante, por outro lado, ao estudar como coletivos ufológicos se constituíam, percebi que o *segredo* era uma peça fundamental nas expansões das redes ufológicas.

Intuí, a partir do trabalho de Debora Battaglia (2005), que aquilo que era próprio ao “modo de verificação”(LATOUR,2013)ufológico era a necessária presença de um *resto* que permanecia inexplorado e não explicado. Se para Latour “[it] is necessary to identify, for each type of practice, the rich vocabulary that it has managed to develop to distinguish truth from falsity in its own way” (LATOUR, 2013, p. 56), na ufologia é possível dizer que se expandem aquelas redes que são capazes de produzir mais *segredo*.

⁶ Como se nota na passagem citada, Chevalier emprega a noção de crença para qualificar as paraciências. Para uma discussão sobre esse tema, remeto o leitor para Almeida (2015).

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

Se na nova formulação da ANT que tomou curso a partir de 2013 a rede necessariamente tem um fluido particular que circula por ela, desejo sugerir que nas redes nas paraciências não somente aquilo que circula é o segredo, como também os canos que compõem o traçado precisam vaziar constantemente.

Em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari, em diálogo com a noção de inconsciente, teorizam sobre o segredo⁷, dissecando-lhe dois dos seus modos de atuação principais. O primeiro diz respeito a “uma percepção que se queria, por sua vez, imperceptível” e o segundo é a “maneira pela qual ele se impõe e se espalha. Aqui ainda, sejam quais forem as finalidades ou os resultados, o segredo tem uma maneira de se espalhar que é por sua vez tomada de segredo. O segredo como secreção” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 82).

O modo de existência das paraciências, em particular da ufologia, assenta-se sobre essa secreção. Em ufologia, um fato somente é revelado para criar outros segredos. Um bom objeto ufológico é aquele que, a um só tempo, introduz as pistas para a sua revelação, mas, ao mesmo tempo, não contém todos os elementos à disposição do analista. O traço constante nas paraciências, portanto, é a suspeita de uma sobra não revelada, de um agente oculto, de um documento faltante, de tal forma que uma boa proposição nas paraciências – aquela que atende melhor os seus meios de verificação (LATOUR, 2013) – é a que produz maiores segredos.

Nesse sentido, diferentemente do que ocorre em outros contextos, onde existe uma associação entre o segredo e o poder e, mais ainda, entre a posse do segredo e a posse do poder⁸, de tal modo que basta dar sinais de conhecer os segredos para sinalizar para uma posição ocupada (CARVALHO, 1984), quando abordamos as paraciências é possível sugerir que é o constante gotejar – a secreção, nos termos de

⁷ Devo a Jayme Aranha a feliz sugestão do trecho de *Mil platôs*, no qual Deleuze e Guattari discorrem sobre o segredo.

⁸ José Jorge de Carvalho, a propósito dos cultos de religiões afro-brasileiras, comenta: “Às vezes, uma pequena informação, um pequeno detalhe ritual não é revelado ao neófito por sua mãe ou pai de santo senão depois de anos de convívio e de prova. Apesar de que as relações não sejam hoje, possivelmente, tão fechadas e ortodoxas como há meio século atrás, a força do segredo e da confiança ainda existe, tanto para pessoas de fora (como os estudiosos) quanto para os próprios membros. *O segredo, como estes mesmos dizem, dá a força à pessoa*” (CARVALHO, 1984, p. 214, grifos nossos).

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

Deleuze e Guattari – do segredo e da revelação parcial – especialmente porque estosamente pode sê-lo assim – que as constitui. Trata-se, de certa forma, da *positividade* do segredo, ainda, da sua capacidade de funcionar como um dispositivo que produz arranjos que se assentam sobre um tipo de *looping*, que reintroduz o segredo a cada vez que um indício seu é revelado.

Nesta pequena nota, procurei apontar para territórios ainda pouco explorados no bojo da ANT, dando ênfase a miradas alternativas para paraciências além da já conhecida comparação entre as práticas de paracientistas e de cientistas.

Referências

ALMEIDA, Antunes Rafael. **Objetos intangíveis**: ufologia, ciência e segredo. 2015. 508f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALMEIDA, Antunes Rafael. A recusa das paraciências. **Revista Florestan**, São Carlos, n.4, p.47-59, 2015b.

BATTAGLIA, Debora. “For those who are not afraid of the future”: Raëlian Clonhood in the Public Sphere. In: BATTAGLIA, Debora (Ed.). **E.T Culture: Anthropology in outerspaces**. Duke: Duke University Press, 2005

BRYANT, Levi. **Trials of strength**. 2009. Disponível em: <<https://larvalsubjects.wordpress.com/2009/10/07/trials-of-strength/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

CARVALHO, José Jorge. A Racionalidade Antropológica em Face do Segredo. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 84, p. 214-222, 1984.

CHEVALIER, Gérard. Parasciences et procédés de légitimation. **Revue française de sociologie**, Paris, n. 27, v.2, p.205-219, 1986.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

HARMAN, Graham. **Prince of networks**: Bruno Latour and metaphysics. Prahan: Re. press, 2009.

INTER-LEGERE

“GRADIENTES DE RESISTÊNCIA”, “MODOS DE EXISTÊNCIA” E AS PARACIÊNCIAS EM
BRUNO LATOUR¹

Rafael Antunes Almeida

INGOLD, Tim. **Lines**: a brif history. London: Routledge, 2007

LAGRANGE, Pierre. Pourquoi les croyances n'intéressent-elles les anthropologues qu'au-delà de deux cents kilomètres? **Politix** 4, Paris, p. 201-220, 2012.

LATOUR, Bruno. **Science in Action**: how to follow scientists and engineers through society. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

LATOUR, Bruno. Irreductions. In: _____. **The Pasteurization of France**. Tradução de Alan Sheridan e John Law. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **An inquiry into Modes of Existence**. Cambridge. Harvard University Press, 2013.

MCGEE, Kyle. **Bruno Latour**: the normativity of networks. London: Routledge, 2014.

SÁ, Guilherme José da Silva. Antropologia e não modernidade: até que a ciência as separe. **Revista Ilha**, Florianópolis, v.17, n.2, p. 31-47, ago.-dez. 2015.